

Mais versos de 1975 a 1977

Adroaldo Bauer

Vigia o regime militar no Brasil. A censura imposta a tudo, do teatro ao cinema , da imprensa à literatura. Da música às manifestações sociais quaisquer. A vida era irrespirável...

Vez por outra paro e não penso.
Quero até morrer
Sentir o beijo da morte, frio.

Que mais querer?
Tudo, todos: nada.

A imundície e as nulidades
Prosperam e aquela continua
Os porcos são os donos
O país ferve de podridão.
E as moscas em louca sanha
Vorazes, varejam os restos do homem.
Daquilo que um dia foi povo,
Hoje, farrapo, pisado, humilhado, escachado.

Vez por outra paro e não penso.
Quero até matar.

08/11/1975

Da vida comum

O relógio marca e rege
O descompasso da vida
Roncam os motores do progresso
Sobre o esforço das massas famintas

Um pila pela tua hora,
Dois pela tua honra,
Três pela tua alma e mais um
Pela tua vida

De fome
De susto, preso,
Roda fábricas e construções.
De marmita
Chinelo de borracha e sapato barato,
Ergues a casa que não é tua
E ajustas parafusos que se perderam em mil mercados.
De fome e de susto, preso,
Continuarás
Até a morte precoce

Também, irmão,
Não nos deram a justa paga
Não, o certo é:
Roubam-nos a vida e a sorte.
08/08/1976

Saia daí e venha pro lado de cá! Sai da calma, filho,
Que a vida é puro sangue
Hoje

Vem olhar o morto no chão
De fome e frio

Sai daí, irmão,
Que a vida é puro sangue
Hoje
Vem olhar o chão morto
De ganância que tombam matas

Saiam pra rua
Que a vida é puro sangue
Hoje
Pra que se esconder de si mesmo
Venham ao barro receber os tiros da miséria.

Saiam do circo
Que a vida é puro sangue
Hoje
Estamos montando o ato final
Antes de morrer de pura e besta fome, todos.

Saiam de suas cascas e máscaras,
Ogivas e armaduras protetoras
Hoje
A vida é sangue puro
O circo será dos atores
Hoje
Quando a vida mudou o rumo
Porque saímos todos por sangue
Cobrando tudo que a história nos devia

08/08/1976

A Primavera que faremos

No momento que desespero
Cada passo à frente do homem
É um retrocesso

Mais e mais desespero
O medo de morrer
Antes da hora mata

Quantas vidas e tempo perder?
Mas,
Sempre perder não é o fim único!

O progresso do homem
É feito com as botas sujas
De sangue do homem

A podridão submete
À fome a massa que trabalha

Só a consciência do desespero
Pode inverter a marcha
Deste podre progresso

Se a Primavera é o mundo novo,
Não é de admirar
Que se tenha que explodir,
Antes, este velho mundo.

Acordem!

Que os donos do velho mundo
Vão apodrecer e secar a árvore.
É preciso retirá-los dos galhos.

23/01/1977

As mãos nas amarras

Amarás o irmão
Que sorte não teve
Tiveste a morte
Rainha revelada
Por céus e espada
Na vida em escada
Degrau a degrau
Onde ficaste?
Que teu irmão chora
A fome demora
Não mais foi embora
Ficou-lhe a saudade
O estômago na cabeça
Aos céus suspiros
Para que logo envelheça
E receba pensão
Para comprar o pão

No céu, de escuro e profundo azul,

A lua cheia, branca e brincalhona
Contenta-se em ser mais brilhante
Que a lâmpada de mercúrio sob minha janela

Parado na calçada,
Aplaudindo a natureza
Vai o bêbado escorar-se no poste,
Ri pra lua e abusa da lâmpada

Faz pontaria,
Tem como alvo a lua:
Voa a pedra
Quebra-se a lâmpada...
Que a lua solitária permanece brincalhona
E o bêbado vai-se curando, lentamente.

A certeza só pode nascer da dúvida

Ter dúvida é estar vivo
Certo de que a verdade
Só inspira confiança
Se for questionada
Como quereis fazer viver certezas
Sem deixar lugar a dúvidas?

Uns chãos que me puxam,
De sob os pés
Qual tapete levado
Por falta de pagamento

Dor

Profundo

Escuro

Abismo

Desesperado

E só.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/mais-versos-de-1975-a-1977>